

Uma reportagem, publicada recentemente no jornal *Folha de São Paulo*, informa-nos de que os primeiros *Homo sapiens* levavam uma existência curta - 30 e poucos anos, em média - e dolorida. Alguns dos últimos achados arqueológicos atestam grande número de fraturas nos esqueletos humanos, algumas mal consolidadas, implicando imenso desconforto para aqueles indivíduos nômades e caçadores ao longo de sua vida.

Alguns milhares de anos depois, ainda estamos às voltas com este assunto: dor. Não há coincidência nem obsessão envolvidas, só destino. Existir corporalmente, em um corpo dotado de consciência, impele-nos a tal reflexão. Por outro lado, nunca, em toda a história da humanidade, contamos com tantos meios de eliminar a dor tão eficazmente. Uma suspeita se insinua: não a queremos mais, de fato. E os produtos da indústria química, legais ou proibidos, fazem-nos crer, por sua lucratividade crescente, que não estamos muito longe de realizar este desejo.

Tal configuração incita-nos a pensar, então, até que ponto nossa constituição como humanos está intrinsecamente marcada pela vivência de dor, situação em que retirá-la de nós seria simplesmente impossível, dado que ela voltaria sob outros disfarces. Ou talvez, pelo contrário - maravilha das maravilhas! - este procedimento fosse viável, fazendo-

## Dor na psicanálise?

Resenha de Manoel Tosta Berlinck (org.), *Dor*, São Paulo, Editora Escuta, 1999, 117 p.

nos imaginar o que seria um homem cujas dores pudessem ser removidas mal surgissem. Algo na linha da ficção de *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley.

Enquanto isso não ocorre, porém, seguimos considerando. A medicina lida com a dor desde seu nascimento como saber organizado. Não deve ser exagerado dizer que esta seja sua origem propriamente, cuidar da dor. Com o tempo, contudo, isto tanto se especializou que a perdemos de vista em favor das intervenções prescritas e precisamos recuperá-la por meio de associações, institutos e clínicas a ela inteiramente devotadas. O mesmo se deu com a Psicanálise, ainda que em um período de tempo muito menor: tratar do sofrimento humano, fosse ele físico ou psíquico, sempre encabeçou a pauta de nossa disciplina. Dada a premência da invenção do inconsciente, entretanto, o desprazer como princípio regulador e a angústia como afeto de fundo ganharam a cena indisputadamente. A dor permaneceu como enigma.

Que estatuto é este, portanto, o da dor que a ressuscita como questão depois de tantos

anos de obscuridade, em nosso meio? Creio ser esta uma das indagações implícitas que uma publicação, como a que ora resenho, procura responder. Inserir-se em uma discreta linha de pesquisa que despontou há alguns anos e cujas contribuições incluem: *Entre le rêve et la douleur* (1977) de J.-B. Pontalis, o número dedicado especificamente a este assunto da *Revue Française de Psychanalyse* de 1992 ou *Le livre de la douleur et de l'amour* (1996) de J.D. Nasio. Evidentemente há vários outros livros e artigos que tangenciam o tema, entretanto a maioria não o toma diretamente em foco. Assim diria que o primeiro mérito do pequeno volume organizado por Berlinck reside justamente em que a dor não figura aí como tópico marginal. É em torno dela que as reflexões se articulam. Em poucos artigos temos uma amostra do que pensam sete psicanalistas brasileiros, quando se fala de dor na Psicanálise contemporânea. Optei por comentá-los não na seqüência em que se apresentam no livro, mas invertendo-lhes a ordem de acordo com minha preferência pessoal.

Encontrei no texto de Carlos Guzzetti, último da coletânea, uma contribuição marcada pela intensidade da experiência

clínica da dor, o que, em meu entender, a distingue claramente das outras, pois trabalha a questão de dentro dela mesma. Acredito que os autores da coletânea não discordariam de que, se há uma característica que se pode atribuir sem susto a uma noção de dor, é a intensidade e tal característica atravessa o artigo de Guzzetti. Ele discute a montagem tóxica a partir de um relato de caso e assim alinhava *in vivo* o que julga ser impotente. Se a angústia é o centro gravitacional da experiência analítica, diz ele, a dor constitui um dos limites de sua ação. Cumpre construir a via que vai da dor à angústia pelo amparo primordial do Outro. Eis uma proposta manifesta de intervenção, que, com os riscos que toda proposta comporta, é muito bem-vinda para o psicanalista em seu exercício. Guzzetti percorre o caminho da teorização em seu sentido legítimo, isto é, da prática à teoria e não vice-versa, o que empresta força inegável aos argumentos desenvolvidos. Ensina-nos que, em estado de facilitação sensível exacerbada, qualquer aproximação pode fazer sucumbir a disposição do analisando e engolfá-lo por este afeto opressor que desencadeia compulsões irresistíveis, em contrainvestimento paralisante que ele chama de grito (sugeriria *urro* que, além da expressão

urrar de dor em português, tem a vantagem de não possuir a faceta lexical que o grito pode assumir). Imperativo sem medida, sem circuito, a dor exige o cancelamento da fonte mesma. Não busca satisfação por onde se inseriria a via da substituição objetual, daí a relação com a narcose tóxica. Uma vez a montagem posta em marcha, o sujeito é esmagado pelo automatismo da resposta viciante, reduzindo-se a um aparelho não desejante, opaco, em um processo de dessubjetivação.

Em *Palavras da Dor*, a fonoaudióloga Ruth Palladino discute a fala repetida, ou ecolalia, que juntamente com o silêncio, constituem dois dos sintomas mais freqüentes entre crianças levadas a fonoaudiólogos. Como sintoma, a ecolalia remete a um acontecimento de outra ordem, não merecendo, portanto, em geral, estudo como fenômeno em si. Ao tomá-la, contrariamente, como repetição de tipo particular, Palladino percebe que este comportamento esvazia as palavras que são objeto de repetição, asfixiando-as em sua origem polissêmica. Há um congelamento restritivo em signos. Partindo de uma perspectiva interacionista, a autora renega a tradição de grande parte das pesquisas em patologia da linguagem, segundo ela mesma, e afirma que a repetição surge como fato essencial, em que a criança assume um ponto de vista discursivo. O outro é aí condição necessária e instituinte do processo alteridade-identificação, abertura para a criação. Se o sentido, no entanto, parecer indomável,

a repetição ensinará uma louca busca por um signo suficiente, regular, que estancará o movimento de significação. De constitutiva, a repetição passará a impeditiva. A apreensão é interessante, porém o estatuto da dor, como ocorre nos escritos psicanalíticos, em média, é marginal. Comparece apenas como fórmula: “a dor, que expõe sem pudor o anacronismo das invenções ante o conflito, ou seja, exige a repetição e imediatamente a invalida porque instaura uma temporalidade, aponta para o presente, é ela que da repetição faz condição para a criação, para o movimento simbólico” (p. 95). Esse vínculo é trazido de uma forma um tanto ou quanto periférica. Produziu, contudo, a interessante idéia de que a palavra, ao invés de transformar (no original está *transtornar*) o afeto pela construção do objeto perdido, pela significação o *cancela*. Notemos a referência a um cancelamento da fonte, no caso a palavra, coincidente com o que descreve Guzzetti. Seria a ecolalia também uma conduta viciante como automatismo eficaz contra algum tipo de sofrimento? E se tomássemos a ecolalia não em seu sentido restritivo, mas de modo positivo? E se esse uso que a criança faz com a língua for equiparado ao jogo concreto com as palavras que ocorre, por exemplo, na poesia? Há a possibilidade de empregarmos

as palavras como objetos, coisas. Que implicações haveria para a compreensão da dor, neste caso? Entrecruzamentos provocados pelo livro.

Em seguida, vindo preencher parte de uma lacuna sempre aberta, a saber, a atuação do psicanalista extra-muros, José H. Valentim levanta uma questão absolutamente pertinente: de que dor se trata no trabalho psicológico no hospital geral. Os elementos que se justapõem “insidiosamente” (sic) em situações de internamento hospitalar nos impedem de ver com clareza. Intervir bem aí, por conseguinte, seria avaliar precisamente os entrelaçamentos presentes. Derivo desta reflexão a função realçada do diagnóstico transferencial fino e constante que lastreará as estratégias possíveis de intervenção de forma a que não se pratique o que ele mesmo denomina de a “clínica das boas intenções”, “cuja eficácia duplamente equivocada se mede pela capacidade do paciente em responder positivamente ao projeto de cura orgânica” (p. 80). Mais um alerta.

No artigo seguinte, tocante por sua familiaridade com o assunto e a necessária delicadeza com que o trata, Regina Gromann trabalha com duas vinhetas clínicas, onde, ao contrário do emaranhado físico-psíquico de que nos buscava desembaraçar Valentim, é a unidade indissociável que se mostra esclarecedora. Distingue uma vivência de uma experiência da dor e indica o lugar do sonho como o lugar de passagem entre o sentir e o comunicar o sentido. Analisando os casos, fala-nos da necessidade da formação de uma pele na linha do que desenvolvem Didier

Anzieu (*moi-peau*) e André Green (*garde-fou*), da necessidade da relação com um objeto total, no que ela implica de amor e ódio possíveis, para a contenção e a transformação da dor física (vivência) em dor psíquica (experiência). Aqui, penso, fala a autora, ainda que não se refira a isso deste modo, estamos no âmbito do não-representado e do representado, vertente que tem sido explorada em relação à pulsão (*pseudo-pulsão* para Freud e Laplanche), notadamente à pulsão de morte no que diz respeito ao caráter dessubjetivante, psicotizante, destrutivo da dor. O amparo do Outro aí, como o aponta Guzzetti, poderia ser compreendido como a presença fomentadora de ligação, de representação impossível solitariamente. Permanece insolúvel, não obstante, a questão da polaridade físico-psíquico, lançada indefinidamente para alguma fronteira mítica – pele, guarda-corpo, tela, pára-excitação...

Encontro no artigo de Rubens M. Volich um esboço de resposta a esta minha pergunta sobre as polaridades: a clínica demonstra que uma divisão entre dor física e dor psíquica não faz sentido em nossa experiência cotidiana. Infelizmente, ele abandona esta categoria

unificadora que chegou a nomear, a clínica, e opta por uma vertente teórica que reproduz a cisão. Debruça-se sobre o exame da função das dinâmicas dolorosas: a dor está no lugar de algum tipo de mecanismo. De fato, Volich situa uma espécie de modelo arcaico de experiência de dor em que, ao nascer, o bebê "apreende" que o outro também é capaz de sua destruição e morte, recorrendo como proteção ao mecanismo de pára-excitação. O autor caracteriza a dor como reguladora do investimento narcísico e objetal. Considera, finalmente, os desdobramentos implícitos na inclusão do masoquismo, como guardião da vida, e da pulsão de morte na arquitetura freudiana. Inclui uma vinheta clínica em que uma mulher, livrada cirurgicamente de suas dores lancinantes, morre em seguida como se perdesse o sinal da ação silenciosa da pulsão de morte. Paralelismo entre angústia sinal e dor sinal, onde o masoquismo mortífero seria resultante de problemas de fusão pulsional.

Explorando o mesmo veio que Volich, Daniel Delouya faz uma breve revisão da literatura freudiana e introduz a noção de dor como uma medida de defesa inespecífica, que eclode quando há um excesso de estimulação - invasivo ou evasivo - e a ligação deste excesso fracassa. A experiência de dor inauguraria o Eu e o pensamento como indício do real. Nes-

te esquema, a angústia é uma proteção contra a dor e o trauma, e o masoquismo atesta a falência da defesa da dor. Não compartilho desta concepção em que a dor é algo para além de si mesma, algo mais de que nos defendemos. Se a dor se assemelha a um mecanismo de defesa temos de definir o que é esta outra coisa de que ela nos protege. Creio que esta ambigüidade não passou despercebida a Delouya que a descreve ora como *experiência*, ora como coisa que se dá à percepção interna e externamente ao mesmo tempo. Ele lhe confere a lógica paradoxal da construção do objeto, o que se me assemelha a um caminho produtivo, mas, apenas para, logo em seguida, restituí-la à função de indício, de modulador do investimento objetal. A insustentável leveza do paradoxo. Meus motivos para este reparo se baseiam na concepção de que, se há alguma novidade em estudarmos a dor, ela reside, justamente, em sua espessura como noção articuladora da superação de dicotomias como físico-psíquico. Resgatá-la da marginalidade teórica para reinseri-la na série desprazer-trauma-

angústia-luto só nos faz ganhar em metapsicologia especiosa. Mas esta é evidentemente uma posição pessoal.

Por último, na seqüência que construí, vem o artigo de abertura apresentado por M. T. Berlinck. Lamentavelmente, ele deixa a desejar. Oscila entre o banal e o bombástico ("a humanidade é uma espécie dolorida"; só sua completa ausência [da dor], na analgesia, é capaz de revelar"), beirando o escalafóbico ("o corpo atual é portador de toda a história e pré-história da espécie"). Sendo seu texto o segundo mais longo da série, consome sete das quinze páginas que utiliza, para estabelecer algo que suponho evidente: a universalidade da experiência da dor. E o faz por veredas tortuosas e acidentais, misturando rápidas considerações sobre o "cuidado com a falsa artrose" e a "clínica psicopatológica da dor", como "fenômeno próprio do psiquismo humano". Vale-se tão freqüentemente do saber médico que precisei verificar suas credenciais, quando pasmei frente à descoberta de sua formação de sociólogo. Certamente, ele levanta várias questões que merecem estudo (por exemplo, o cuidado que precisa ter o psicoterapeuta ao lidar com pacientes que sofrem de dores físicas), mas as deixa apenas indicadas, sem elaborar nenhuma. Quase no final, ele se refere a um me-

nino de rua, seu analisando, em estado de euforia química, como um "tetráqueo, passageiro desta espaçonave tripulada por um alienígena". Eu acrescentaria, o próprio autor. Seu objetivo de tecer reflexões úteis para a clínica psicopatológica da dor é pertinente, mas dificilmente atingido. Na melhor das hipóteses, um debate pelo avesso ou mera provocação descomprometida, mais no estilo do coelho de corrida. Suponho que haja quem goste.

No cômputo geral, o livro tem altos e baixos. Para quem como eu se interessa muito pelo assunto, vale a leitura completa. Para quem nutre apenas uma curiosidade específica, sugiro a seleção orientada.

**Andrea Giovannetti** é psicóloga, psicanalista, doutoranda em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP.